

## O prefixo e a silabificação em PB: um exercício em LPM-OT

Luiz Carlos Schwindt (UNILASALLE)

**EDIPUCRS – Coleção Memória das Letras**

**8-BARBOSA, Maria José Somerlate.**  
**CLARICE LISPECTOR:**  
**Des/fiando as teias da paixão**  
2001, 167 p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

**EDIPUCRS**  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33  
Caixa Postal 1429  
90619-900 - Porto Alegre – RS/BRASIL  
[www.pucrs.br/edipucrs/](http://www.pucrs.br/edipucrs/)  
E-mail [edipucrs@pucrs.br](mailto:edipucrs@pucrs.br)  
Fone/Fax: (51) 3320.3523

**ABSTRACT** – This paper proposes a theoretical exercise about the interaction between Brazilian Portuguese syllabification and prefixation, according to LPM-OT – Lexical Phonology and Morphology (Kiparsky, 2000). For this purpose, syllabic constructions with the prefixes  $eN-$ ,  $iN_{nas}$ - and  $iN_{nas}$ - are analysed, discussing two intervening processes, the epenthesis and nasal assimilation. This analysis follows our prosodic and lexical study of prefixes (Schwindt, 2000) and the syllable analysis proposed by Lee (1999).

**KEY WORDS** – Phonology. Morphology. Prefix. Syllable.

**RESUMO** – Este artigo propõe um exercício teórico sobre a interação entre silabificação e prefixação no português brasileiro, a partir dos pressupostos da LPM-OT – Lexical Phonology and Morphology – Optimality Theory (Kiparsky, 2000). Para isso, são analisadas formações silábicas com os prefixos  $eN-$ ,  $iN_{nas}$ - e  $iN_{nas}$ -, discutindo-se dois processos intervenientes, a epêntese e a assimilação da nasal. Tomamos por base nosso estudo prosódico e lexical dos prefixos (Schwindt, 2000) e a análise da sílaba proposta por Lee (1999).

**PALAVRAS-CHAVE** – Fonologia. Morfologia. Prefixo. Sílaba.

### Introdução

Neste artigo propomos um exercício teórico sobre a interação entre silabificação e prefixação no português brasileiro (PB), a partir dos pressupostos da LPM-OT – Lexical Phonology and Morphology – Optimality Theory (Kiparsky, 2000). Nessa perspectiva, foram analisadas formações silábicas com os prefixos  $eN-$ ,  $iN_{nas}$ - e

$iN_{neg}$ -, discutindo-se dois processos intervenientes, a epêntese e a assimilação da nasal.<sup>1</sup>

Organizamos-nos assim: na seção 1, resumimos nosso estudo prosódico e lexical dos prefixos no PB (Schwindt, 2000), que serve de ponto de partida para esta análise; em 2, apresentamos os dados a serem analisados e introduzimos o modelo teórico de que nos utilizamos; em 3, a partir da hierarquia para a análise da sílaba proposta por Lee (1999), realizamos nosso exercício em LPM-OT; na seção 4, por fim, estão as considerações finais.

## 1 Categorização prosódica e lexical do prefixos do PB

Apresentamos abaixo as conclusões de nosso estudo sobre a categorização prosódica e lexical dos prefixos do PB (Schwindt, 2000), que serve de ponto de partida para análise que ora propomos.

Do ponto de vista prosódico, podemos afirmar que os prefixos do PB estão distribuídos em dois grupos: *prefixos composicionais* (PCs) e *prefixos legítimos* (PLs). Os primeiros se configuram prosodicamente como palavras fonológicas independentes, enquanto os segundos se estruturam, em geral, como sílabas átonas incorporadas à base a que se ligam. Essa distinção é garantida por evidências encontradas no *acento* e na oposição *forma livre / forma presa*:

a) PCs, à semelhança de cada parte de um composto, são vocábulos acentuados, enquanto PLs, à semelhança de clíticos, são inacentuados, respeitando o padrão acentual do PB;

b) PCs, em dado contexto, podem se instanciar isoladamente, caracterizando-se como formas livres, ao passo que PLs não são isoláveis, por serem formas presas.

Além disso, argumentos adicionais foram buscados em dois grupos de processos fonológicos: processos do grupo I, os que ocorrem nos limites da palavra fonológica (neutralização da átona final e elisão), e processos do grupo II, os que se dão no interior do vocábulo (neutralização da pretônica, harmonização vocálica e assimilação da nasal). PCs, como palavras fonológicas independentes, sujeitam-se aos processos do grupo I e não toleram os processos do grupo II; PLs comportam-se de maneira inversa, isto é, suportam os processos do grupo II e rejeitam os do grupo I.

<sup>1</sup> O conteúdo deste artigo foi apresentado, no formato de comunicação, no II Congresso Internacional da ABRALIN, em março de 2001, em Fortaleza / CE.

<sup>2</sup> Não nos detivemos, aqui, em detalhar essa proposta. A bibliografia, no final, indica a fonte de tais informações para aprofundamento.

No que concerne ao *status lexical* dos prefixos, afirmamos que toda prefixação ocorre no léxico, distribuída entre *prefixação do nível 1* (da raiz) e *prefixação de nível 2* (da palavra), respeitando as seguintes condições: 1ª) prefixos que lidam com uma base em formação pertencem ao nível 1 e 2ª) toda prefixação de nível 2 lida com a palavra pronta. Nesse sentido, assumimos que PCs fazem o caminho de palavras fonológicas independentes até o nível pós-lexical, de onde são alçados, a fim de sofrer prefixação no nível 2, enquanto PLs são inseridos lexicalmente como sílabas pretônicas, distribuídos em duas classes: PLs de classe I, que se afixam no nível 1, e PLs de classe II, que se afixam no nível 2. PCs, quando PCs não sofrem alçamento, porém, recebem o *status* de compostos sintáticos. As evidências para a segmentação dos PLs em classes foram encontradas na *estrutura silábica*, mais especificamente na *epêntese* que se dá no limite prefixo/base e em processos morfológicos, como a *parassíntese* e a *sobreposição de prefixos*. O quadro abaixo sintetiza essa classificação.

**Quadro - Distribuição dos prefixos no léxico do PB**

NÍVEL 1 (RAIZ)
PLs DE CLASSE I: a-, ad-, aN-, coN-, deS <sub>priv</sub> -, diS-, eN-, iN <sub>detra</sub> -, eS <sub>tema</sub> -, re-, tranS-
NÍVEL 2 (PALAVRA)
PLs DE CLASSE II: iN <sub>neg</sub> -, deS <sub>neg</sub> -, sub- TODOS OS PCs ALÇADOS
PÓS-LÉXICO
COMPOSIÇÃO SINTÁTICA

Não discutiremos neste momento pormenores da distribuição dos prefixos no quadro 1, mas nos deteremos no argumento básico de que a prefixação no PB é um processo que exige estratificação do léxico, uma vez que há prefixos que lidam com a base em formação, ao contrário de outros que se aplicam sobre o *output* do estrato antecedente.



## 2 A abordagem de restrições

A abordagem paralela da OT (Optimality Theory) tem se mostrado eficiente para descrever fenômenos fonológicos como a silabificação nas diversas línguas do mundo. Substituindo regras ordenadas por restrições universais violáveis, consegue dar conta da boa formação das sílabas através de hierarquias de relevância. Contudo, por trabalhar com um suposto *output* fonético, falha ao tentar explicar alguns aspectos que concernem à interação entre fonologia e morfologia, por exemplo, o desencadeamento ou o bloqueio de determinados processos fonológicos provocados pela entrada de um afixo. Os dados que seguem, de vocábulos prefixados pelos PLs *eN-* e *iN-*, pretendem ilustrar esse fato.<sup>3</sup>

### (1) Epêntese lexical com *iN-*

a. $iN_{dntro}^-$	b. $iN_{neg}^-$
$iN$ +scrito → inscrito	$iN$ +sperado → inesperado
$iN$ +spirar → inspirar	$iN$ +squecível → inesquecível
$iN$ +stituir → instituir	$iN$ +stimável → inestimável

### (2) Assimilação da nasal em *eN-* e *iN-*

a. $eN$ +latar → enlatar	b. $iN$ +legal → ilegal
$eN$ +rolar → enrolar	$iN$ +regular → irregular

Os exemplos em (1) trazem dois tipos de prefixo *iN-*: em (1a) significando movimento para dentro; em (1b), negação. Observe-se que no primeiro grupo o prefixo se liga diretamente à raiz, enquanto no segundo, instancia-se uma epêntese entre o prefixo e a raiz.<sup>4</sup>

Em nossa compreensão, a menos que as restrições tenham de fazer referência à caracterização semântica desses prefixos homófonos, a abordagem paralela da TO não consegue eliminar o conflito gerado pelas diferentes escolhas realizadas pela língua, mostrada em (1).

Nos exemplos de (2), observamos outro conflito da mesma ordem: o prefixo *eN-*, que significa movimento para dentro (simi-

lar a  $iN_{dntro}^-$ , portanto de nível 1), ao ser afixado a uma raiz iniciada por uma líquida, assimila a nasalidade, como mostra (2a), ao contrário de  $iN_{neg}^-$ , exemplificado em (2b), que não está sujeito a essa assimilação.

Nossos exemplos parecem confirmar os argumentos da LPM-OT (Kiparsky, 2000). Nessa teoria, o autor critica a abordagem paralela da OT, especialmente no que diz respeito ao papel da morfologia, e apresenta um modelo que aproveita as idéias básicas da *Fonologia e Morfologia Lexical*.

"On the positive side, I suggested that OT should instead adopt one of the core ideas of Lexical Phonology and Morphology, namely that the phonology and morphology of stems, words, and sentences is governed by distinct constraint systems which may differ in the ranking of faithfulness constraints, and that these constraint systems are serially linked. LPM-OT also gives morphology a legitimate standing, allowing it to recapture many generalizations lost in parallel OT analyses." (Kiparsky, a sair:152)

É nessa perspectiva que proporemos nossa análise na seção que segue.

## 3 A análise pela LPM-OT

### 3.1 A proposta de Lee (1999)

Considerando que PLs são para nós sílabas pretônicas afixadas à esquerda de uma base, pretendemos dar conta da análise desses prefixos utilizando as mesmas restrições utilizadas para a análise de sílabas em PB. Para isso, recorreremos à análise de Lee (1999), que, numa abordagem paralela da OT, propõe a seguinte hierarquia de restrições para silabificação de vocábulos simples:

(3) Sonor, Max, Dep<sup>Onset</sup>, Nuc, CodaCond >> Dep<sup>Nuc</sup> >> Contig >> Onset >> NoCoda, NoComplex

Nosso propósito é incluir esse conjunto de restrições em toda a nossa análise, respeitando, no nível da raiz, a hierarquia proposta por Lee (op. cit.) e mostrando a necessidade de reordenar determinadas restrições de fidelidade no nível da palavra.

<sup>3</sup> Nossa análise aqui ficará restrita a prefixos que chamamos de legítimos (PLs), uma vez que PCs, comportando-se como palavras fonológicas, deverão sofrer silabificação de acordo com os padrões estabelecidos para análise dos vocábulos em geral.

<sup>4</sup> Estamos assumindo, aqui, a perspectiva de Harris (1983), bem aceita na análise das línguas românicas, de que bases como as de (1) são todas iniciadas por /S/. Para desfazer o *onset* malformado em PB, a língua faz uso de dois expedientes: torna o *S* coda da sílaba precedente, como em (1a), ou entra com uma vogal epentética, como em (1b).

<sup>5</sup> Não localizamos em nossa busca exemplos de  $iN_{dntro}^-$  seguido de líquida, exceto expressões eruditas do tipo *in loco*, em que ainda se confunde com uma preposição. De qualquer modo, entendemos que os prefixos *eN-* e  $iN_{dntro}^-$  caminham no sentido de se tornarem um só, especialmente pela quase categórica elevação de /e/ para [i] em posição inicial, como em [iΦ]latado (cf. Naro, 1973). Além disso, é preciso deixar claro que não nos preocupa, no momento, a ordem assimilação / apagamento da nasal (ou ainda a ditongação que se dá com *eN*). O foco aqui é exclusivamente a manutenção ou não da nasalidade.

### 3.2 Restrições utilizadas

Abaixo listamos as restrições utilizadas em nosso estudo. Como afirmamos, procuramos ser fiéis à idéia básica das restrições propostas por Lee (1999), embora tenhamos omitido aquelas que não afetam nosso estudo e acrescentado outras que não atrapalhariam a análise do autor.<sup>6</sup>

#### 3.2.1 Restrições de estrutura silábica

- (4) Son: onsets devem crescer em sonoridade e codas devem decrescer.  
Escala: líquida > nasal, S > fricativa, oclusiva (cf. Clements, 1990).
- (5) Peak: as sílabas devem ter núcleo.
- (6) Onset: toda sílaba deve ter onset.
- (7) NoComplex: sílabas têm no máximo uma consoante na borda.
- (8) NoCoda: codas são proibidas.
- (9) \*NasLiq: seqüências de nasal e líquida são proibidas.

#### 3.2.2 Restrições de fidelidade

- (10) Max: todo segmento/traço do *input* tem correspondente idêntico no *output*.
- (11) Dep: todo segmento/traço do *output* tem correspondente idêntico no *input*.
- (12) Contig: o *output* é contíguo ao *input*.
- (13) Integr<sup>morph</sup>: elementos mórficos prosodicamente escandidos não podem ser apagados.

### 3.3 Tableaux

Por limitações de espaço/tempo, apresentaremos apenas dois tableaux que resumem nossa proposta. O primeiro diz respeito ao nível da raiz e o segundo, ao nível da palavra.

O tableau 1 traz o ranking de *esperado*, *inscrito* e *enlatar*.

<sup>6</sup> Por um critério de uniformidade, optamos por manter os nomes das restrições em inglês neste artigo. Além disso, entendemos que algumas de nossas restrições, apesar de revelarem importantes informações linguísticas, mereçam ter, em algum momento, seus nomes rediscutidos.

Tableau 1

Son, Peak, Max >> Dep >> *NasLiq, Contig >> Onset, NoComplex, NoCoda										
NÍVEL DA RAIZ	Son	Peak	Max	Dep	*NasLiq	Contig	Onset	NoComplex	NoCoda	
Input: [sperado]										
spe.ra.do	*									
s.pe.ra.do		*								
sV.pe.ra.do				*		*				
*Vs.pe.ra.do				*			*			
_pe.ra.do			*							
Input: iN[scrito]										
iN.scri.to	*						*	*		
*iNs.cri.to							*	**		
iN.sV.cri.to				*		*				
i.NVs.cri.to				*			*	*		
_scri.to	*		*				*	*		
Input: eN[latar]										
e_.la.tar			*				*	*		*
*eN.la.tar					*					*
e.NV.la.tar				*			*	*		*

Comentaremos apenas as restrições que decidem a escolha do candidato ótimo e que justificam nossa opção pela LPM-OT.

É importante observar que a posição de Dep, abaixo de Max na hierarquia, permite que a epêntese tome lugar no vocábulo *esperado* e não tome em *inscrito*. Mas isso está restrito a *iN<sub>raiz</sub>*- (PL de nível da raiz) pois a prefixação de *iN<sub>pal</sub>*- (PL de nível da palavra) nesse nível geraria, equivocadamente, *\*insperado*. Com a mesma hierarquia poderíamos formar *escrito*, uma vez que a forma com epêntese não aceita prefixação por *iN<sub>pal</sub>*- (*\*inescrito*).<sup>7</sup> Em *enlatar* é também essa posição de Max em relação a Dep que vai decidir pela forma sem epêntese e sem apagamento. Essa hierarquia parece bem motivada, considerando que é de se esperar que, no nível da raiz, as línguas optem pelo máximo de fidelidade ao *input*.

Apresentaremos agora o tableau do nível da palavra, considerando os vocábulos *inesperado*, *inscrito*, *ilegal* e *enlatar*.

<sup>7</sup> Ainda que o português aceitasse o vocábulo *\*inescrito*, ele significaria provavelmente *não escrito, nunca escrito para dentro*.



Tableau 2

Son, Peak >>

Dep >> Integr<sup>morph</sup> >> \*NasLiq >> Max, Contig, Onset, NoComplex, NoCoda

NÍVEL DA PALAVRA	So n	Pea k	Dep	In- tegr <sup>morph</sup>	*NasLi q	Max	Con- tig	On- set	No Com- plex	No Coda
Input: iN[Vs.pe.ra.do]										
iN_spe.ra.do	*					*				*
iN_s.pe.ra.do				*		*				*
iN.sV.pe.ra.do							*			*
iN.Vs.pe.ra.do								*		**
◊i.NVs.pe.ra.do										*
Input: [iNs.cri.to]										
iN.scri.to	*							*	*	*
◊iNs.cri.to								*	**	*
iN.sV.cri.to				*				*	*	*
i.NVs.cri.to				*				*	*	*
i_scri.to	*					*		*	*	*
Input: iN[le.gal]										
◊i_le.gal						*				*
iN.le.gal					*					**
i.NV.le.gal				*						*
Input: [eN.la.tar]										
e_la.tar				*		*				*
◊eN.la.tar						*				*
e.NV.la.tar				*						*

Submetemos ao *tableau 2* os *outputs* do *tableau 1* e acrescentamos dois casos de prefixação pelo PL *iN<sub>neg</sub>-*, *inesperado* e *ilegal*. Os dois níveis se diferenciam pelo fato de restrições de fidelidade assumirem posições diferentes no *ranking*. No nível da raiz, Max domina Dep, enquanto no nível da palavra Dep domina Max. Isso produz o efeito desejado: no nível mais profundo, preferência pela epêntese (lexical); no nível da palavra, preferência pelo apagamento. Além disso, surge a restrição Integr<sup>morph</sup>, irrelevante no nível da raiz, que é ranqueada acima de \*NasLiq, forçando a preservação de elementos mórnicos já escandidos no nível anterior. Esse ordenamento impede a geração de \**elatar* e, estando acima de Max, permite que se forme *ilegal* ao contrário de \**inlegal*.

#### 4 Conclusão

Tomando como referência nossa análise prosódica e lexical dos prefixos no PB (Schwindt, 2000) e o estudo da sílaba do PB de Lee (1999), propusemos um exercício teórico em LPM-OT (Kiparsky, 2000), envolvendo os prefixos *eN-*, *iN<sub>dom</sub>-* e *iN<sub>neg</sub>-*, e discutimos dois processos intervenientes, a epêntese e a assimilação da nasal.

Para dar conta desses processos, que estão condicionados à sua relação com a base em formação ou com a palavra pronta, chegamos ao *ranking* que segue, em que restrições de fidelidade têm ordenamento diferente no nível da raiz e da palavra:

- nível da raiz  
Son, Peak, Max >> Dep >> \*NasLiq, Contig >> Onset, NoComplex, NoCoda
- nível da palavra  
Son, Peak >> Dep >> Integr<sup>morph</sup> >> \*NasLiq >> Max, Contig, Onset, NoComplex, NoCoda

Apesar de restringir-se a um número reduzido de prefixos, nosso estudo procurou mostrar a necessidade de níveis ordenados (ligando conjuntos de restrições analisadas em paralelo) na análise de fenômenos de natureza morfofonológica, acrescentando, assim, evidências contrárias a uma abordagem radicalmente paralela em OT.

#### Referências bibliográficas

- CLEMENTS, G. N. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: Kingston, J. & Beckman, M. (org.). *Papers in Laboratory phonology 1*. Cambridge: CUP, 1990, p. 283-333.
- HARRIS, J. W. *Syllable structure and stress in Spanish*. A nonlinear analysis. Cambridge, Mass.: MIT, 1983.
- KIPARSKY, P. (a sair). *Opacity and Paradigm effects*. Stanford: CSLI.
- . Opacity and cyclicity. *The Linguistic Review*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 2000, p. 351-365.
- LEE, S.-H. Teoria da otimalidade e silabificação do PB. In: IBLER, Veronika B.; MENDES, Eliana A. M.; OLIVEIRA, Paulo F. M. de (eds.). *Revisitações*: edição comemorativa dos 30 anos da FALE/UFMG. Belo Horizonte: UFMG, 1999, p. 143-156.
- NARO, A. J. *Estudos diacrônicos*. Petrópolis: Vozes, 1973.

SCHWINDT, L. C. *O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica*. Tese de doutorado. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

———. *O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical*. *DELTA*, São Paulo, EDUC-PUC, v. 17, n. 2, 2001.